

ENSINO MUSICAL NAS PERIFERIAS

Aluna: Julia C. Zylbersztajn
Orientadora: Santuza Cambraia Naves

Introdução

O projeto que desenvolvo é uma pesquisa sobre o ensino de música erudita nas periferias do Rio de Janeiro e de São Paulo, fenômeno relativamente recente no cenário brasileiro e que parece ter tido impulso especialmente nessas duas cidades. Meu interesse pelo tema foi despertado por um documentário que assisti sobre a criação do Instituto Baccarelli, em São Paulo, concebido e criado pelo maestro Silvio Baccarelli para ministrar o ensino de música para crianças e adolescentes de Heliópolis, favela paulista vitimada por um incêndio de grandes proporções em 1996. Esse tipo de iniciativa me chamou a atenção, pois se é comum no Brasil o investimento cultural de agências estatais, ONGs e outras instituições em redutos periféricos, não se pode dizer o mesmo quanto à aplicação do ensino de música erudita.

Procurei me informar, em seguida, sobre a extensão dessa experiência em outras regiões do país, e tive conhecimento de alguns projetos desenvolvidos no Rio de Janeiro, tais como o Instituto Villa-Lobinhos, administrado pelo Viva Rio e amparado pelo Instituto Moreira Salles e pelo Museu Villa-Lobos; a Ópera Popular de Acari; a Orquestra AfroReggae Diego Frazão (Parada de Lucas); e a Orquestra de Cordas da Grota (Niterói).

Objetivos

O principal objetivo é acompanhar a discussão sobre o ensino de música erudita nas periferias, procurando entender as propostas e as questões que o cercam, tais como: por que *música erudita*? Por que *música erudita nas periferias*?

Além disso, considero importante verificar se as questões em jogo neste tipo de ensino são de ordem econômica, visando a ascensão social e a melhoria da qualidade de vida dos alunos, ou cultural, propondo-se a ampliar o leque de possibilidades do acesso à cultura por parte da população jovem periférica, ou seja, orientando-se pelo ideal de democratização da cultura. Tenho também interesse em investigar se a implantação dessa modalidade de ensino procura dar continuidade ao projeto modernista de “formação” das camadas populares através da veiculação de informações provenientes da chamada “alta cultura”, modelo pregado por Mário de Andrade e Villa-Lobos, entre outros.

Metodologia

Desenvolverei uma pesquisa etnográfica em instituições cujos projetos são voltados para o ensino de música erudita nas periferias, nos estados do Rio de Janeiro, como é o caso do Instituto Villa-Lobinhos e as outras instituições mencionadas, e São Paulo, exemplificado com o Instituto Baccarelli. Essa pesquisa de campo pressupõe a realização de entrevistas com coordenadores de projetos de ensino de música nas periferias, com estudantes, com profissionais ligados a projetos sociais e com acadêmicos que tomam o tema como objeto de estudo. Relacionamos um primeiro conjunto de pessoas a serem entrevistadas, entre cientistas sociais, professores e estudantes de música: Regina Novaes (antropóloga), Hermano Vianna (antropólogo),

Silvia Ramos (socióloga), Silvio Baccarelli (Instituto Baccarelli, SP), Caetano Veloso (músico e “mediador cultural”), Marcelo Lopes (diretor executivo da Orquestra Sinfônica de São Paulo) e Sérgio Xavier Fortes (diretor executivo da Orquestra Sinfônica Brasileira).

Além dos métodos de pesquisa supracitados, serão utilizadas fontes bibliográficas, jornalísticas e audiovisuais, como documentários e filmes ficcionais que tenham relação com o tema.

Formulamos algumas perguntas básicas para nortear as entrevistas, que são selecionadas de acordo com o entrevistado em questão. Os tópicos são os seguintes:

- Como você percebe esse movimento de intervenção cultural de ONGs, institutos, agências estatais e outras instituições em periferias das grandes cidades brasileiras?
- O que você acha do ensino de música erudita nas periferias?
- Você acredita na força do mediador cultural, a exemplo de Waly Salomão, Regina Casé, etc.? Faça essa pergunta me baseando em discursos que negam a idéia de mediação (ativistas que reivindicam o uso das próprias vozes, sem intermediários).
- Você acha que as questões em jogo neste tipo de ensino são de ordem *econômica* — visando a ascensão social e a melhoria da qualidade de vida dos alunos —, ou *cultural*, com a proposição de ampliar o leque de possibilidades do acesso à cultura por parte da população jovem periférica, ou seja, orientando-se pelo ideal de democratização da cultura?
- Você acha que a implantação dessa modalidade de ensino procura dar continuidade ao projeto modernista de “formação” das camadas populares através da veiculação de informações provenientes da chamada “alta cultura”, modelo pregado por Mário de Andrade e Villa-Lobos, por exemplo?
- Por que música erudita *nas periferias*?
- O que você acha da escolha do ensino de *música erudita*? Por que não outro tipo de música?
- Como pensar a construção da oposição erudito x popular nesse tipo de projeto? Como pensar, por exemplo, o ensino do choro? Ver oposição sambistas x chorões, que aparece no discurso de professores da Escola Portátil de Música.
- O que significa a interpretação de música popular por uma orquestra com instrumentos de música erudita?

Desenvolvimento da pesquisa

Iniciamos a pesquisa com a prospecção de fontes e com a discussão e fichamento de textos que tratam do tema relativo ao ensino musical e cultural nas periferias. A bibliografia escolhida conta basicamente com trabalhos acadêmicos (livros, artigos, teses e entrevistas). A pesquisa inicial contou também com informações obtidas via internet.

Realizamos a primeira entrevista da série com a antropóloga Regina Novaes, em 22 de julho de 2010. Todas as perguntas formuladas, tanto as direcionadas aos pesquisadores do tema quanto aos ativistas na área cultural foram respondidas por ela, na medida em que ela própria se considera híbrida com relação à sua atuação. Além de inserida na academia (IFCS, UFRJ) como cientista social que pesquisa a temática dos movimentos sociais e culturais, Regina tem atuado em várias frentes na vida pública,

tanto em ONGs como o ISER e o Viva Rio quanto a Secretaria de Juventude do governo federal.

Regina enfatizou as mudanças políticas ocorridas nas instituições não governamentais e agências estatais a partir da década de 1990. Havia, segundo ela, desde a época do regime militar, movimentos de ONGs que começaram a privilegiar a esfera cultural. Naqueles anos de recessão econômica, era como se o cultural fosse uma espécie de saída para a grande questão que se colocava: a reforma que estava acontecendo naqueles anos no sentido de aumentar a inclusão social. Havia basicamente um grupo social que estava mais excluído que os outros, que era justamente o grupo dos jovens e adolescentes, razão pela qual houve um *boom* de projetos sociais voltados para esses segmentos.

Regina chamou a atenção para quatro momentos de configuração das ONGs no Brasil. O primeiro momento, de formação dessas entidades, é o que se caracteriza por um distanciamento do Estado e obtenção de recursos de agências bilaterais, como bancos internacionais, governos social-democratas e instituições católicas e protestantes. Regina cita a FASE (Federação dos Órgãos de Assistência Social e Educacional) como uma ONG tipicamente “de primeira geração”, de costas para o Estado e voltada para os movimentos sociais e para a democracia participativa. As ONGs de “segunda geração”, segundo Regina, poderiam ser representadas pelo IBASE, e surgem no momento em que as pessoas, como Betinho (Herbert de Souza) voltam do exílio (final dos anos 70 e início dos 80). Essa tipologia de ONG tem em comum com a chamada “terceira geração” o recorte identitário, ou seja, são organizações estruturadas a partir de condições de gênero (mulheres, homossexuais, etc.) e etnia (principalmente a negra), entre outras. Nesses casos, a integração e os recursos materiais sempre vêm de fora, através de recursos simbólicos e da valorização da democracia e da diversidade.

O que distingue a “quarta geração” das anteriores é a recusa da mediação realizada por pessoas externas às comunidades e a ênfase na territorialidade. A negação da categoria mediação os legitima para pedir diretamente os recursos tanto para o Estado quanto para agências de cooperação internacional. Antropologicamente falando, os líderes dos projetos comunitários não são iguais ao seu público, na medida em que eles se encontram em uma outra situação, o que lhes permite fazer o que chamamos de mediação, ou seja, “mediar é estar entre, é fazer o diálogo, é fazer tradução”. Se anteriormente a cultura de alguma forma dava linguagens à política, dos anos 90 para cá ocorre o contrário, porque existe a possibilidade de fazer a cultura ter repercussões políticas.

Com relação ao tema dessa pesquisa — o ensino de música erudita nas periferias —, consideramos que o universo pesquisado corresponde ao momento da chamada “quarta geração” das organizações não governamentais. Na entrevista também discutimos a diferença entre o postulado modernista de “formação” das camadas populares e a atual orientação das ONGs, que, segundo Regina, substitui “formação” por “informação”.

Entramos em contato com os antropólogos Gilberto Velho e Hermano Vianna, cujas entrevistas estão agendadas para agosto de 2010.

A pesquisa de campo será iniciada no Rio de Janeiro. Fizemos um primeiro levantamento de instituições aqui sediadas, que serão contatadas a partir de agosto de 2010.

Referências bibliográficas:

1- COSTA, Antonia G. C. de O. da. “‘Fazendo do nosso jeito’: o audiovisual a serviço da ‘ressignificação da favela’”. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação

em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, 163 p.

2 - KLEBER, Magali O. “A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro”. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Música, Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, 334 p.

3- NOVAES, Regina. “Juventudes Cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais.” In: VIANNA, Hermano (org.). *Galeras cariocas*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997, p. 119-160

4- RAMOS, Silvia. “Jovens de favela na produção cultural brasileira dos anos 90”. In: ALMEIDA, Maria Isabel M. de; NAVES, Santuza C. (orgs.). “*Por que não?*”: *Rupturas e continuidades da contracultura*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2007, p. 237-160

5 - SÁ, Anderson. “Falando de Vigário Geral”. *A MPB em discussão – entrevistas* (NAVES, Santuza Cambraia; COELHO, Frederico Oliveira; e BACAL, Tatiana). Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006, p. 301-340.

6 - VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2001.

7- VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/FGV, 1996